

O 'PICADINHO' DO NORTE E O 'GUISADO' DO SUL: UMA ANÁLISE DIATÓPICA COM OS DADOS DO ALIB NOS EXTREMOS DO BRASIL

THE 'PICADINHO' OF THE NORTH AND THE 'GUISADO' OF THE SOUTH:
A DIATOPIC ANALYSIS WITH ALIB'S DATA AT THE EXTREMES OF BRAZIL

Amanda Chofard | [Lattes](#) | amandachofard@gmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: A *carne moída* é uma comida comum na mesa dos brasileiros e, por isso, a maioria das pessoas faz uso de uma ou mais designações para se referir a esse prato. Levando isso em conta, este estudo, que é um recorte da dissertação de Chofard (2019), considera todas as respostas dadas à questão nº 178 do Questionário Semântico Lexical do ALiB (COMITÊ NACIONAL, 2001) pelos informantes das regiões Norte e Sul do Brasil para designar *carne moída*. O *corpus* para análise abarca as respostas coletadas nas regiões mencionadas, compreendendo 68 pontos de inquérito e 272 informantes. O estudo foi realizado com base nos pressupostos da Dialetoologia Pluridimensional e da Geolinguística (RADTKE & THUN, 1996; CARDOSO, 2010). O objetivo principal da pesquisa foi descrever e analisar as designações registradas para *carne moída* nas duas regiões investigadas, identificando possíveis isoléxicas. Os dados demonstraram que a variante mais usada pelos nortistas e sulistas é *carne moída*. Mas também foi possível concluir, entre outros aspectos, que há variantes que apontam para áreas dialetais específicas em cada região, como é o caso de *picadinho* no Norte e *guisado* no extremo Sul do país.

Palavras-chave: Carne moída; Variação lexical; ALiB.

Abstract: Ground meat is a common food on the Brazilian table and, therefore, most of the people make use of one or more designations to refer to this dish. Taking this into account, this study, which is an excerpt from Chofard's dissertation (2019), considers all the answers given to question nº 178 of the Lexical Semantic Questionnaire of ALiB (COMITÊ NACIONAL, 2001) by informants from the North and South regions of Brazil to designate ground meat. The corpus for analysis includes the responses collected in the mentioned regions, comprising 68 points of inquiry and 272 informants. The

study was carried out based on the assumptions of Pluridimensional Dialectology and Geolinguistics (RADTKE & THUN, 1996; CARDOSO, 2010). The main objective of the research was to describe and analyze the designations registered for ground meat in the two regions investigated, identifying possible isolexicals. The data demonstrated that the most used variant by northerners and southerners is *carne moída*. But it was also possible to conclude, among other aspects, that there are variants that point to specific dialectal areas in each region, as is the case of *picadinho* in the North and *guisado* in the extreme South of the country.

Keywords: Ground meat; Lexical variation; ALiB.

Introdução

Integrante do campo semântico Alimentação e Cozinha, do Questionário Semântico Lexical do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), a *carne moída* é um prato rotineiro na vida dos brasileiros, de fácil acesso e versátil, com inúmeras possibilidades de preparo. Essa versatilidade também pode ser observada nas diversas formas lexicais em uso no português do Brasil (PB) para esse referente, o que se alinha com o caráter heterogêneo e mutável da língua.

Dado que a variação é inerente às línguas naturais, sabe-se que, dentre os níveis internos, a variabilidade lexical é a menos sistematizável, levando em consideração que os fatores que mais justificam sua existência são os extralinguísticos. Dessa forma, ao examinar as diferentes regiões do território brasileiro, observa-se o quão diversificado é o português aqui falado, o que pode ser explicado com base na história do país e, consequentemente, pelos contatos com diversas outras línguas e culturas que contribuíram para a formação do português falado no Brasil.

Diante das dimensões continentais do país, é fato que cada região e, principalmente, os extremos Norte e Sul possuem características culturais e linguísticas distintas, o que vêm sendo evidenciado desde o início dos estudos dialetais brasileiros, como exemplo, a grande divisão dialetal do Brasil, proposta por Nascentes (1953), em falares do Norte e falares do Sul, com base em aspectos fonéticos. Estudos recentes, pautados no nível lexical, também comprovam a existência de distintas áreas linguísticas (YIDA, 2011; RIBEIRO, 2012; ROMANO, 2015; CHOFARD, 2019, entre outros) que, embora não ratifiquem

integralmente a proposta de Nascentes, demonstram a existência e a possibilidade de delimitação de inúmeros subfalares até mesmo dentro de uma única região. Esses estudos também revelam que as áreas dialetais, que se configuram em falares e subfalares, não coincidem, necessariamente, com as delimitações geopolíticas do território. Por exemplo, o denominado subfalar amazônico, a depender das variantes linguísticas em análise, recobre, eventualmente, parcelas de áreas geográficas adjacentes, como a parte norte do Centro-Oeste e a parte leste do Nordeste. Da mesma forma, certas variantes associadas ao subfalar sul-rio-grandense têm uso restrito a uma parte do território da região Sul, outras vão além dele, estendendo para os estados de Santa Catarina, Paraná ou ainda Mato Grosso do Sul e adiante. Estudo realizado por Carlos (2015) revela, por exemplo, que há variantes lexicais do português sulista e do denominado português paulista (ROMANO, 2015) no português falado por brasileiros que migraram para o Paraguai, em contato com o espanhol e o guarani, línguas oficiais desse país.

Este artigo configura-se como um recorte da pesquisa de mestrado de Chofard (2019), que objetivou descrever e analisar as designações registradas em toda a rede de pontos do ALiB para cinco itens lexicais, dentre eles *carne moída*, contribuindo, assim, para a descrição do português e para a identificação de possíveis áreas dialetais pautadas no léxico. O presente estudo apresenta os dados referentes às regiões Norte e Sul do Brasil, no intuito de analisar a distribuição diatópica das designações do referente em questão nessas áreas, bem como averiguar a possibilidade de traçar áreas dialetais por meio de isoléxicas.

Posto isso, a próxima seção apresenta uma breve discussão acerca da Geolinguística brasileira e suas contribuições para o conhecimento da diversidade existente no português falado no Brasil. Na sequência, é descrita a metodologia utilizada neste estudo, abarcando o *corpus* utilizado, o perfil dos informantes, a rede de pontos e o modo como se procedeu para a elaboração das cartas linguísticas. Em seguida, são apresentados os resultados e a análise dos dados. Por fim, há a apresentação das considerações finais e das referências utilizadas.

A Geolinguística no Brasil e algumas de suas contribuições para os estudos dialetais brasileiros

A Geografia Linguística, modernamente denominada Geolinguística, surgiu nos

fins do século XIX como um método comparativo da Dialectologia, tendo como principal característica o registro de uma grande variedade de formas linguísticas em mapas, os quais, em conjunto, formam os conhecidos atlas linguísticos.

Durante seu processo de consolidação, até fim do século XX, os trabalhos geolinguísticos possuíam caráter monodimensional, preocupando-se em descrever de modo sistemático a variação linguística diatópica. Nesse modelo tradicional, a dialectologia dava preferência a um único tipo de informante: homem, adulto (de preferência em idade avançada), com baixa escolaridade, residente na zona rural, nascido e criado no lugar. O pressuposto básico era de que esse falante conhecia melhor a cultura da comunidade e, conseqüentemente, seria o legítimo representante da fala do lugar (CHAMBERS; TRUDGILL, 1980). Contudo, a partir de 1960, com o advento da Sociolinguística, observa-se cada vez mais a necessidade de incorporar variáveis sociais à diatopia e, assim, passam-se a realizar pesquisas de cunho pluridimensional, as quais voltam-se ao novo modo de fazer geolinguística, conceituado por Radtke e Thun (1996) como Dialectologia Pluridimensional ou Geolinguística. Nesse novo modelo, além da dimensão diatópica, são consideradas também outras dimensões: diageracional (idade), diassexual (sexo), diassocial (escolaridade ou classe social), diafásica (estilos de fala), diarreferencial (comentários epilinguísticos e metalinguísticos), dialingual (informantes monolíngues e plurilíngues), diacinética (informantes topoestáticos e informantes topodinâmicos) etc.

No Brasil, diferentemente de outros países, devido à extensão territorial, os primeiros atlas linguísticos configuram-se como estaduais ou cobrindo apenas parte do território, sendo pioneiro o *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, de Nelson Rossi, datado de 1963. Desde então, vários atlas linguísticos foram projetados e realizados, por exemplo: *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais*, *Atlas Linguístico da Paraíba*, *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul*, *Atlas Linguístico de Sergipe*, *Atlas Linguístico do Paraná*, entre outras tantas pesquisas, até que, passados mais de 30 anos da publicação do primeiro atlas, retoma-se, em 1996, a proposta da elaboração de um atlas nacional, dando origem ao Projeto Atlas Linguístico do Brasil.

Diante deste cenário, Romano (2013) faz uma divisão da geolinguística brasileira em dois momentos: o primeiro tendo como característica os atlas estaduais, em sua maioria monodimensionais e sem uma metodologia padronizada, e o segundo com o início do desenvolvimento do ALiB, proporcionando certa uniformidade metodológica e trazendo

à tona a pluridimensionalidade, metodologia que passou a ser adotada em outros atlas linguísticos de caráter regional ou que recobrem determinadas áreas linguísticas.

A retomada e o início dos trabalhos voltados para a constituição de um atlas linguístico nacional impulsionaram os estudos geolinguísticos brasileiros, uma vez que, conforme Romano (2015, p. 101), “nesse segundo momento, registra-se um incremento prodigioso da elaboração de atlas linguísticos de pequeno domínio, a partir de projetos de Mestrado e Doutorado na área, com incentivo dos Diretores Científicos do ALiB”.

Sendo assim, atualmente, apenas os estados de Roraima, Piauí, Goiás e Rio de Janeiro não possuem atlas e o estado de São Paulo possui um atlas iniciado, porém não concluído, enquanto os demais estados brasileiros possuem atlas em andamento ou já concluídos, além de inúmeras outras pesquisas que não englobam unidades federativas, mas revelam aspectos de determinadas áreas geográficas, de línguas em contato, de línguas de comunidades fronteiriças, entre outros, o que vêm crescendo cada vez mais, dando origem a uma nova geração de geolinguistas que contribuem com as investigações dialetais no que tange tanto ao português quanto a outras línguas faladas no Brasil.

Posto isso, observa-se que aos poucos os estudos geolinguísticos foram ganhando espaço e sendo aperfeiçoados no país, possibilitando pesquisas comparativas que vêm revelando cada vez mais a ampla diversidade do português falado no território nacional.

Metodologia

No que diz respeito aos procedimentos metodológicos adotados para esta pesquisa, seguiram-se os princípios da Geolinguística, tendo em vista a coleta de dados *in loco*, a seleção de informantes discriminados por sexo, idade e escolaridade e elaboração de mapas linguísticos.

O *corpus* em análise configura-se como parte da rede de pontos do ALiB, abarcando as respostas coletadas nos 24 pontos de inquérito da Região Norte e nos 44 da Região Sul do Brasil, totalizando 68 pontos. Ressalta-se que todos os inquéritos realizados foram gravados e, em sua maioria, transcritos, sendo necessário, para o levantamento dos dados, recorrer aos áudios apenas nos casos em que não há transcrição ainda ou em casos de dúvidas quanto às respostas transcritas.

Nas localidades investigadas, as equipes do ALiB buscaram informantes com perfil específico e predeterminado. Dessa forma, em cada ponto de inquérito foram entrevista-

dos quatro informantes residentes em áreas urbanas, com nível fundamental de escolaridade, estratificados em sexo e faixa etária, como mostra o Quadro 1.

Quadro 1 - Perfil dos informantes

INFORMANTE	ESCOLARIDADE	FAIXA ETÁRIA	SEXO
1	Fundamental	Faixa I - 18 a 30 anos	Masculino
2	Fundamental	Faixa I - 18 a 30 anos	Masculino
3	Fundamental	Faixa II - 50 a 65 anos	Feminino
4	Fundamental	Faixa II - 50 a 65 anos	Feminino

Fonte: Projeto Atlas Linguístico do Brasil.

Nas capitais, somaram-se mais quatro informantes com nível superior de escolaridade, contudo esses não foram considerados nesta pesquisa, sendo analisados apenas os dados dos informantes que possuem as mesmas características do perfil dos informantes do interior. Posto isso, a amostra contou com as respostas de 272 informantes.

Para proceder à cartografia, primeiramente foi realizado o levantamento dos dados nas transcrições dos inquéritos e, apenas quando necessário, nas gravações. As respostas foram organizadas no Microsoft Office Excel e, posteriormente, cartografadas em bases georreferenciadas disponibilizadas pelo ALiB¹, por meio do software SGVCLin - Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas (SEABRA; ROMANO; OLIVEIRA, 2014).

Na cartografia, foram consideradas todas as respostas obtidas, destacando que um mesmo informante pode dar mais de uma resposta. Entretanto, houve dois casos em que a resposta foi prejudicada, sendo identificadas pela sigla RP².

Por fim, vale mencionar que para a realização desta pesquisa foram executadas as seguintes etapas:

¹ As bases cartográficas utilizadas foram publicadas no volume 2 do Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO et al., 2014, p. 59-64).

² As respostas prejudicadas dizem respeito aos inquéritos 009-2 (Soure-PA) e 019-3 (Cruzeiro do Sul - AC) e se referem, respectivamente, a um problema de gravação no Questionário Semântico Lexical e a uma questão não formulada.

- (i) Seleção do *corpus* a ser analisado;
- (ii) Levantamento e tabulação das variantes registradas;
- (iii) Revisão de literatura para a constituição do referencial teórico;
- (iv) Cartografia das formas linguísticas documentadas para o item lexical investigado;
- (v) Elaboração de tabelas para posterior análise da produtividade;
- (vi) Exegese dos dados e resultados obtidos.

Análise dos dados

Integrante do campo semântico Alimentação e Cozinha, a questão 178 do Questionário Semântico Lexical do ALiB objetiva documentar as variantes existentes para “a carne depois de triturada na máquina?” (COMITÊ NACIONAL, 2001).

Dentre todas as respostas, foram obtidas 14 designações e todas foram consideradas, contudo foi necessário realizar agrupamentos de respostas para se ter uma melhor visualização das ocorrências na carta linguística, os quais encontram-se descritos no Quadro 2.

Quadro 2 – Variantes documentadas para a questão 178 – *carne moída* e seus agrupamentos

RÓTULOS	VARIANTES AGRUPADAS
carne moída	carne moída/ moída
picadinho	picadinho/ picadim/ carne picada/ picada
carne ralada	carne ralada/ boi ralado
guisado	guisado
outras	carne batida/ batido/ bisado/ bisato/ emprensada
RP	problemas na gravação/ questão não formulada

Fonte: Projeto ALiB. Elaborado por Chofard (2019).

Destaca-se que, para realizar os agrupamentos, foram levados em consideração dois aspectos:

- (i) Formas relacionadas derivadas ou perifrásticas, como: “moída” inclui moída e

carne moída; “picadinho” inclui picadinho, carne picada etc.; “ralada” inclui carne ralada e boi ralado.

(ii) Formas com até cinco ocorrências foram rotuladas como “outras”.

Em estudo anterior, em toda a base de dados do ALiB, Chofard (2019) levantou mais de mil respostas e averiguou que a variante mais produtiva em todo o território nacional é *carne moída*.

Essa produtividade de *carne moída* também foi documentada na Região Norte, entretanto outras designações emergem, as quais podem ser visualizadas, quantitativamente, na Tabela 1.

Tabela 1 – Produtividade das variantes documentadas na Região Norte para a questão 178 – *carne moída*

VARIANTES	Nº DE OCORRÊNCIAS	%
carne moída / moída	64	56,14%
picadinho / picadim	46	40,35%
carne ralada / boi ralado	2	1,75%
RP	2	1,75%
Total	114	100%

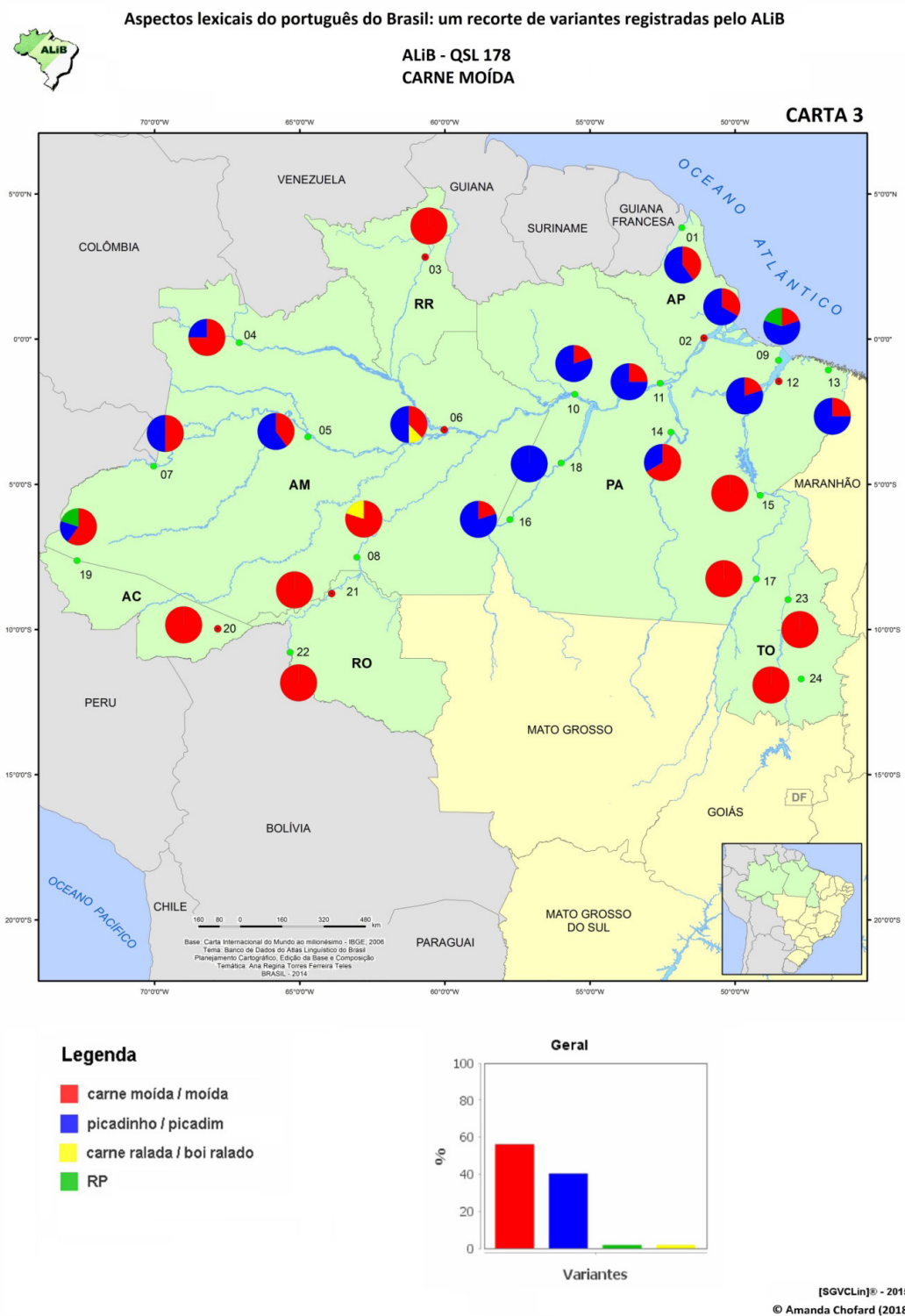
Fonte: Projeto ALiB. Elaborado por Chofard (2019, p. 115).

No montante das respostas, de acordo com a Tabela 1, foram registradas 114 respostas distribuídas entre os estados do Norte, a saber: 46 no Pará, 28 no Amazonas, 11 no Amapá, 9 no Acre, 8 em Rondônia, 8 no Tocantins e 4 em Roraima.

No que tange às variantes documentadas, *carne moída*, em consonância com o cenário nacional, foi a mais produtiva, com 64 respostas, o que representa 56,14% dos dados obtidos. *Picadinho*, por sua vez, foi registrada como a segunda forma mais produtiva, apresentando grande expressividade entre os nortistas, com 46 ocorrências e percentual de 40,35%, sendo a forma majoritária no Pará e no Amapá. A terceira forma, *carne ralada* e as *respostas prejudicadas* tiveram dois registros cada e percentual de 1,75%, respectivamente.

Para analisar a distribuição diatópica das variantes identificadas na Região Norte, foi elaborada a carta linguística apresentada na Figura 1.

Figura 1 – Distribuição diatópica das variantes de *carne moída* na Região Norte

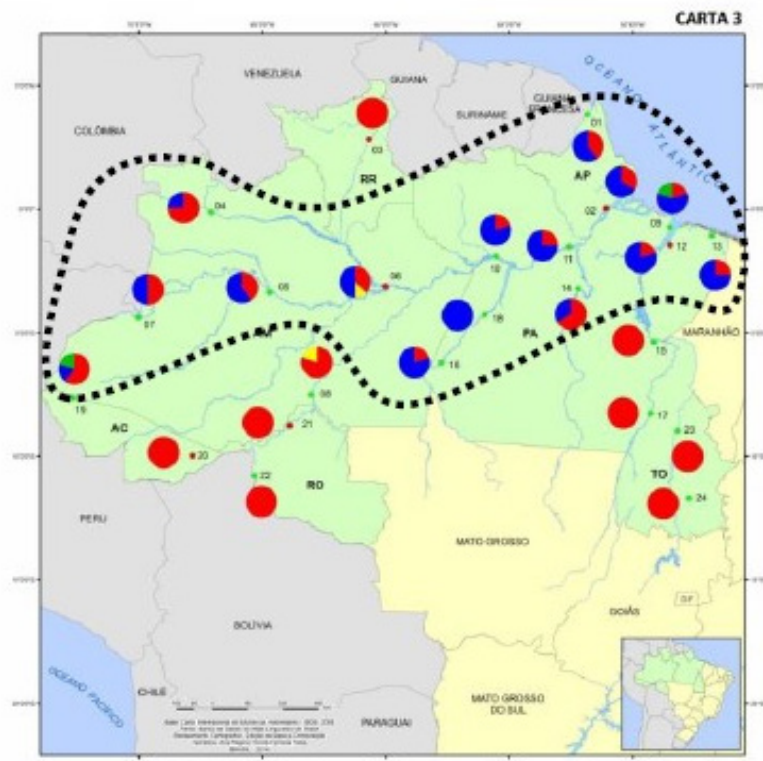


Fonte: Projeto ALiB. Elaborado por Chofard (2019, p. 203).

Por meio da carta da Figura 1, observa-se que *carne moída*, a forma mais produtiva, está difundida por toda a região, não sendo registrada apenas no ponto 018 - Itaituba (PA), onde ocorreu o uso exclusivo de *picadinho*, variante essa que também possui am-

pla difusão na região, exceto em Roraima, Rondônia, Acre e Tocantins. Nesse sentido, verifica-se que *picadinho* apresenta uma arealização no Norte, mas restrita aos estados do Amazonas, Amapá e Pará, o que pode ser visualizado por meio da Figura 2.

Figura 2 – A realização da variante *picadinho* na Região Norte³



Fonte: Projeto ALiB. Elaborado por Chofard (2019, p. 116).

A área dialetal formada por *picadinho* corresponde a uma parte do denominado falar amazônico proposto por Nascentes (1953), o que corresponde a um subfalar dentro de uma mesma região, confirmando a ideia de que os limites linguísticos não coincidem necessariamente com os limites geográficos dos estados ou de uma região, podendo ir além ou restringir-se a uma área geográfica menor.

O rótulo *carne ralada* é composto apenas pelas formas *carne ralada* e *boi ralado*, obtidas como segundas respostas⁴, podendo-se inferir, por meio do relato do informante 4 de Manaus, que a utilizou, que essa variante não se caracteriza como nortista:

³ Nesta carta linguística a variante *picadinho* é representada pela cor azul.

⁴ *Boi ralado* em Humaitá (ponto 008 – AM) e *carne ralada* em Manaus (ponto 006 – AM).

INQ.- Tem outro jeito de chamar essa carne aqui?

INF.- Não, tem gente que chama carne ralada, né, pessoal de fora, né, que vem de fora, do Sul. (006-4 – Manaus-AM)

Feitas essas considerações, observa-se que grande parte dos nortistas fazem uso majoritário de duas formas linguísticas, o que demonstra certa uniformidade lexical na região em análise no que tange ao referente aqui investigado.

Voltando o olhar para o outro extremo do país, a Região Sul, *carne moída* também se apresenta como a variante majoritária diante das outras formas documentadas, como é possível visualizar na Tabela 2.

Tabela 2 - Produtividade das variantes documentadas na Região Sul para a questão 178
– *carne moída*

VARIANTES	Nº DE OCORRÊNCIAS	%
carne moída / moída	147	72,77%
guisado	45	22,28%
boi ralado	4	1,98%
outras	4	1,98%
carne picada / picada	2	0,99%
Total	202	100%

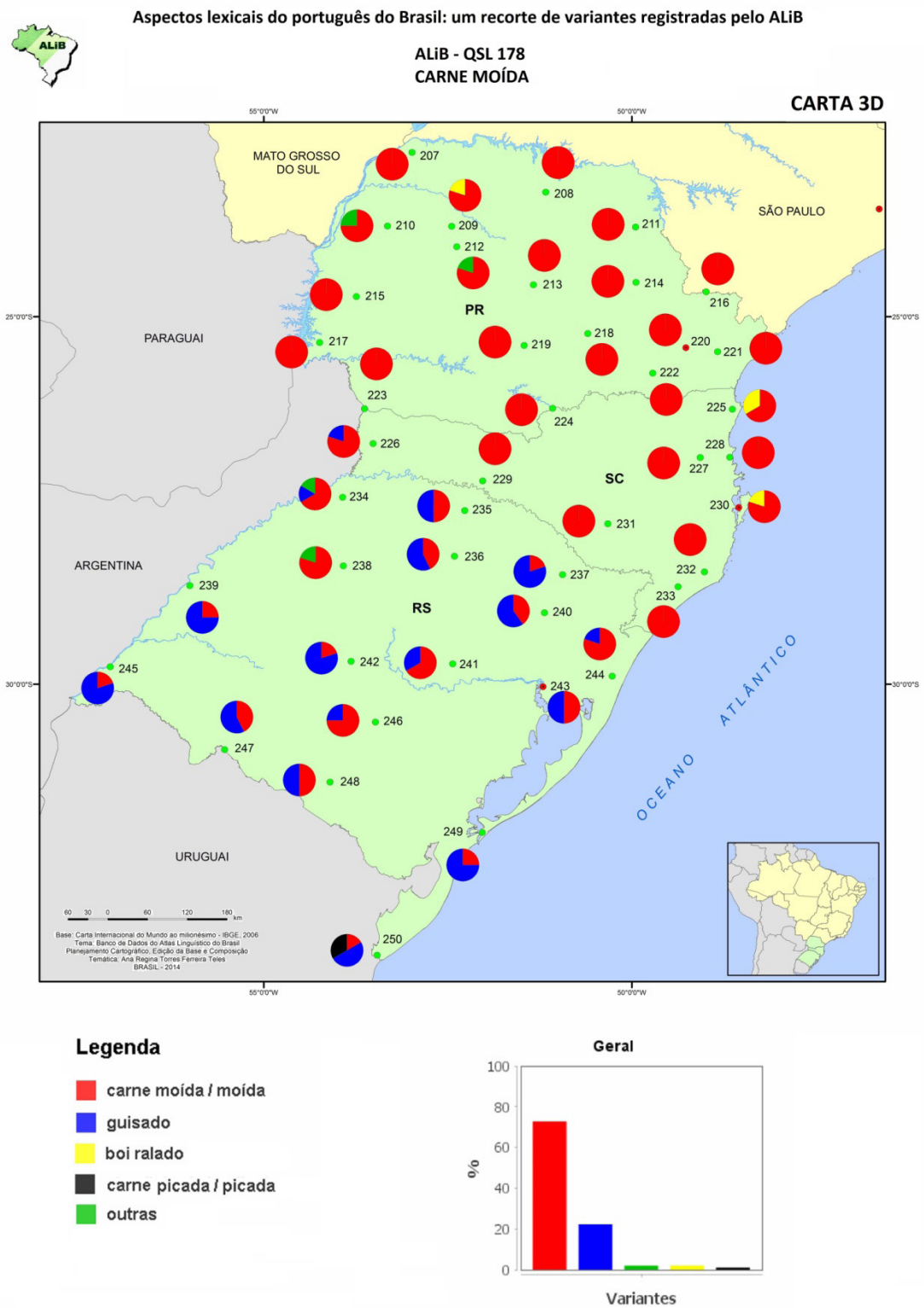
Fonte: Projeto ALiB. Elaborado por Chofard (2019, p. 121).

Diante dos dados apresentados na Tabela 2, verifica-se que a Região Sul totaliza 202 respostas, as quais distribuem-se por seus estados, a saber: 88 no Rio Grande do Sul, 70 no Paraná e 44 em Santa Catarina.

Nesse contexto, como já mencionado, *carne moída* é a forma mais produtiva pelos sulistas, totalizando 147 respostas e percentual de 72,77%. Perfazendo menos de um quarto das ocorrências, a segunda variante mais utilizada foi *guisado*, com 45 registros e 22,28%. E, com menos expressividade, também foram coletadas as formas lexicais *boi ralado* e *outras*, com quatro ocorrências cada (1,98%), e *carne picada*, somando duas respostas (0,99%).

Assim como para a Região Norte, foi elaborada uma carta linguística para averiguar a distribuição diatópica das variantes, a qual pode ser vista na Figura 3.

Figura 3 – Distribuição diatópica das variantes de *carne moída* na Região Sul



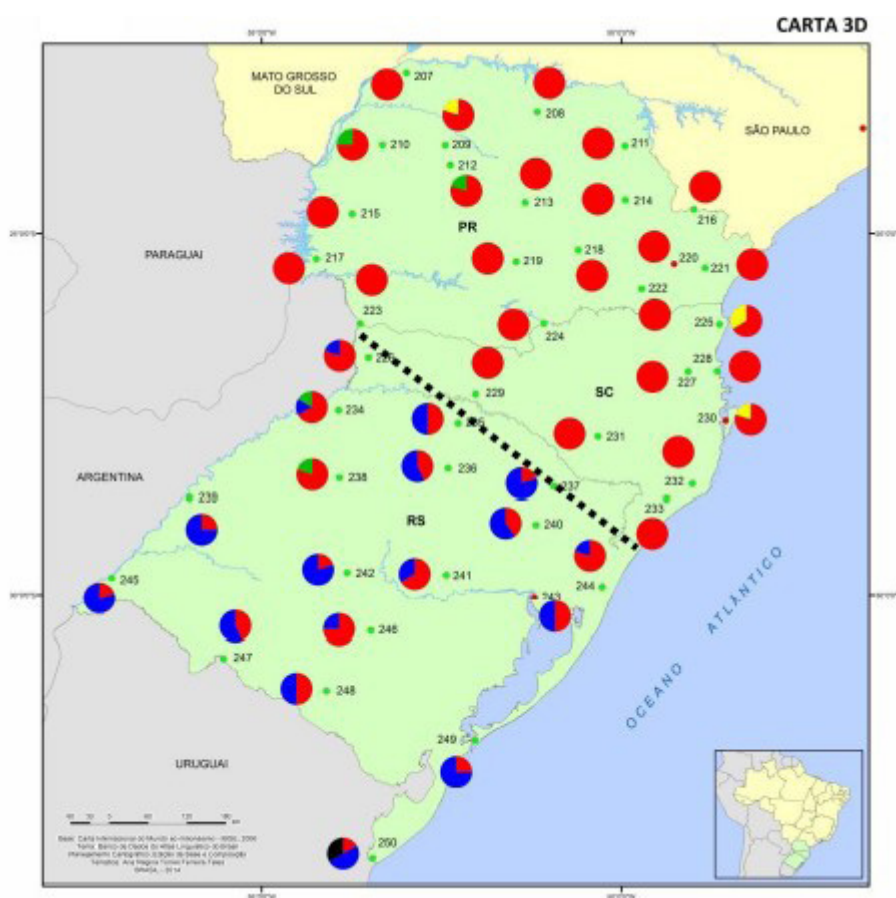
[SGVCLin]® - 2015
© Amanda Chofard (2018)

Fonte: Projeto ALiB. Elaborado por Chofard (2019, p. 207).

Na perspectiva diatópica, *carne moída*, forma mais recorrente na região, encontra-se distribuída por todo o Sul e presente em todas as localidades investigadas.

Guisado, por sua vez, revela-se como a variante mais produtiva entre os gaúchos rio-grandenses, representando 50% do total das respostas obtidas no estado, não sendo utilizada por nenhum informante apenas no município de Ijuí (ponto 238), onde *carne moída* foi a designação mais prolífica. Ainda sobre essa variante, observa-se uma arealização englobando todo o estado do Rio Grande do Sul e o Oeste de Santa Catarina, como pode ser constatado na Figura 4, na cor azul.

Figura 4 – A realização da variante *guisado* na Região Sul



Fonte: Projeto ALiB. Elaborado por Chofard (2019, p. 122).

Diante da isoglossa traçada, infere-se a existência de subfalares, revelando a heterogeneidade linguística na região, o que vai, de certo modo, de encontro à proposta de um falar sulista homogêneo, de Nascentes (1953), e ao encontro da ideia posta por Koch (2000) e Altenhofen (2002; 2008) de que na Região Sul há, ao menos, duas grandes variedades

[...] que demarcam os territórios de uso [...] do português em contato: a variedade gaúcha (ou rio-grandense) e a paranaense, provavelmente mais próxima da idéia de “falar sulino” a que se refere Nascentes, uma vez que se pode hipotetizá-la como um prolongamento da variedade paulista (ALTENHOFEN, 2008, p. 11).

O denominado falar sul-rio-grandense (Romano, 2015) é uma variedade influenciada, em parte, pelo contato com o espanhol. No caso da variante *guisado*, trata-se de um empréstimo da língua hispânica, na qual também se registra idêntica lexia, porém com significado um tanto diverso: no espanhol *guisadade* significa *ensopado*, mas na variedade sulista significa molho feito com carne moída.

Além disso, observando que a área ocupada por *guisado* corresponde ao Rio Grande do Sul e ao oeste catarinense, verifica-se que essa forma lexical possivelmente se propagou com o deslocamento de gaúchos rio-grandenses, o que corrobora uma das hipóteses apresentadas por Altenhofen (2002) que diz respeito ao prolongamento do falar rio-grandense para o Oeste de Santa Catarina e, em alguns casos, para o Sudoeste do Paraná.

Em relação às variantes com menor expressividade, *boi ralado* foi documentada em uma localidade do Paraná (Terra Boa - 209-3) e em duas de Santa Catarina (São Francisco do Sul - 225-1, 225-3 e Florianópolis - 230-3).

As formas agrupadas em *outras*, a saber, *emprensada*, *batido*, *bisato* e *bisado*, configuram-se como respostas únicas na região e foram obtidas, respectivamente, nos pontos 210-4 (Umuarama-PR), 212-3 (Campo Mourão-PR), 238-4 (Ijuí-RS) e 234-3 (Três Passos-RS). Sobre a variante *batido*, é interessante destacar que ela foi caracterizada pela informante que a utilizou como uma forma rural, tendo em vista o modo como era preparada no sítio, podendo inferir que a baixa realização se justifica pelo fato de estar em desuso, tendo dado lugar a forma *carne-moída*, que é amplamente utilizada nos ambientes urbanos. A seguir, tem-se o comentário tecido:

INF.- Carne moída.

INQ.- Não tem outro nome?

INF.- É... no... lá no sítio chamava... por exemplo, batido, né, que lá geralmente batia, né, num era na máquina, aí chamava batido, né.

INQ.- Carne batida?

INF.- É carne batida. (212-3 – Campo Mourão-PR)

Por fim, as designações *carne picada* e *picada*, agrupadas sob mesmo rótulo, com uma ocorrência cada, foram documentadas em Chuí-RS (250-1 e 250-4).

Apresentadas as variantes obtidas nos dois extremos do Brasil, consultaram-se obras lexicográficas de referência para examinar se as variantes mais expressivas nas duas regiões em estudo encontram-se registradas. Assim, *carne moída*, que é a forma majoritária no Norte e no Sul, não está dicionarizada em nenhuma das obras consultadas, porém há entradas tanto para carne quanto para moído separadamente.

Em relação às formas *picadinho* e *guisado*, variantes que podem ser caracterizadas neste estudo como regionais, constata-se que ambas possuem entradas. *Picadinho* está presente tanto no dicionário Houaiss quanto no dicionário Aulete com as seguintes acepções: “1 picado em pequenos pedaços <carne bem p.> [...] 3 B guisado de carne em pedacinhos, ou moída, com ou sem molho” (HOUAISS, 2009, p. 1487) e “iguaria picada: picado miúdo: Picadinho de carne” (AULETE, 1980b, p. 2802). *Guisado*, por sua vez, é caracterizada por Aulete (1980a, p. 1813) como uma variante brasileira referente ao “picadinho de carne fresca ou de charque” e em Houaiss (2009) é mencionada como brasileirismo na acepção de *picadinho* e também, em entrada própria, como uma variante típica da Região Sul do Brasil.

Posto isso, verifica-se que, apesar de os dicionários não apresentarem acepção referente à forma mais produtiva no país, eles trazem as outras formas significativas de cada região. Ademais, vale ressaltar que Houaiss (2009) já demonstra preocupação em apresentar observações diatópicas, o que é de grande valia, tendo em vista a importância de os lexicógrafos trabalharem em parceria com dialetólogos e geolinguistas no intuito de contemplar este tipo de informação, o que proporciona uma descrição e documentação linguística mais rica e fiel à realidade existente.

Considerações finais

Com base na análise apresentada, torna-se evidente que há diversas denominações para a carne depois de triturada na máquina, revelando que, mesmo existindo uma forma amplamente conhecida por todo o território nacional, há variantes regionais que, a exemplo de outros aspectos culturais, tornam-se parte da identidade de seus falantes e os fazem integrantes de uma mesma comunidade linguística.

Nesse contexto, este estudo, em consonância com o já apresentado por Chofard (2019), demonstrou que, em relação ao item 178 do Questionário Semântico Lexical do ALiB, há a forma *carne moída*, que se mostra como a variante majoritária e amplamente difundida por todo o país, e também formas lexicais típicas de determinadas regiões, como é o caso de *picadinho* e *guisado*, no Norte e no extremo Sul, respectivamente.

Picadinho recobre parte do Acre, do Amazonas, do Pará e do Amapá, formando, assim, uma área central da Região Amazônica que vai de leste a oeste e com maior intensidade no leste amazonense e no oeste paraense.

Já a área ocupada por *guisado* recobre o oeste catarinense e todo o território do Rio Grande do Sul, sendo mais intensa na região de fronteira com o Uruguai, o que corrobora com o fato de esta ser uma variante proveniente do contato linguístico existente entre os falantes do Brasil, país oficialmente de língua portuguesa, com os falantes de países de língua espanhola, como Uruguai e Argentina.

Por fim, ressalta-se que a cartografia possibilitou traçar isoglossas que mostraram algumas das possíveis áreas dialetais brasileiras, revelando que os falares sulistas e nortistas não são homogêneos e carecem de estudos específicos e aprofundados para que se tenha maior detalhamento de seus subfalares. Com esse estudo, contamos ter contribuído para ampliar o conhecimento da realidade e da diversidade linguística e cultural existente no Brasil.

Referências

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Áreas linguísticas do português falado no sul do Brasil: um balanço das fotografias geolinguísticas do ALERS. In: VANDRESEN, Paulino (Org.). *Variação e mudança no português falado na Região Sul*. Pelotas: EDUCAT – Editora da Universidade Católica de Pelotas, 2002. p. 115-145.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Os contatos linguísticos e seu papel na arealização do português falado no sul do Brasil. In: ELIZAINCÍN, Adolfo; ESPIGA, Jorge (Org.). *Español y português: fronteiras e contatos*. Pelotas: UCPEL, 2008. p. 129-164.

AULETE, F. J. Caldas; GARCIA, Hamílcar de. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1980a. v. 3.

AULETE, F. J. Caldas; GARCIA, Hamílcar de. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1980b. v. 4.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editora, 2010.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva et al. *Atlas Linguístico do Brasil*. Vol. 2. Londrina: Eduel, 2014.

CARLOS, Valeska Gracioso. *O português de cá e de lá: variedades em contato na fronteira entre Brasil e Paraguai*. 2015. 292 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

CHOFARD, Amanda. *Aspectos lexicais do português do Brasil: um recorte de variantes documentadas pelo Atlas Linguístico do Brasil*. 2019. 247 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas linguístico do Brasil: questionários 2001*. Londrina: EDUEL, 2001.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KOCH, Walter. O povoamento do território e a formação de áreas linguísticas. In: GARTNER, Eberhard; HUNDT, Christine; SCHÖNBERGER, Axel (Ed.). *Estudos de geolinguística do português americano*. Frankfurt a.M: TFM, 2000. p. 55-69.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953 [1922].

RADTKE, Edgar; THUN, Harald. Nuevos caminos de la geolinguística románica. Un balance. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald (orgs.). *Neue Wege der Romanischen Geolinguistik*. Akten des Symposiums Empirischen Dialektologie (Heidelberg/Mainz, 21-24.10.1991 Kiel: Westensee-Verlag, 1996. p. 25-49.

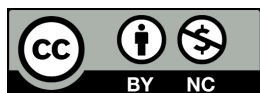
RIBEIRO, Silvana S. C. *Brinquedos e brincadeiras infantis na área do Falar Baiano*. 2012. 752 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

ROMANO, Valter Pereira. Balanço crítico da Geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão. *Entretextos*, Londrina, v. 13, n. 2, jul./dez. 2013, p. 203-242.

ROMANO, Valter Pereira. *Em busca de falares a partir de áreas lexicais no Cento-Sul do Brasil*. 2015. 296 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

SEABRA, Rodrigo Duarte; ROMANO, Valter Pereira; OLIVEIRA, Nathan. 2014. [SGVCLin] - *Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas*. Versão 1.1. Mídia em CD-ROM e manual explicativo impresso.

YIDA, Vanessa. *O campo semântico da Alimentação e Cozinha no Atlas Linguístico do Brasil (ALiB): um estudo lexical nas capitais*. 2011. 191 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.



Data de submissão: 29/10/2020

Data de aceite: 29/06/2021